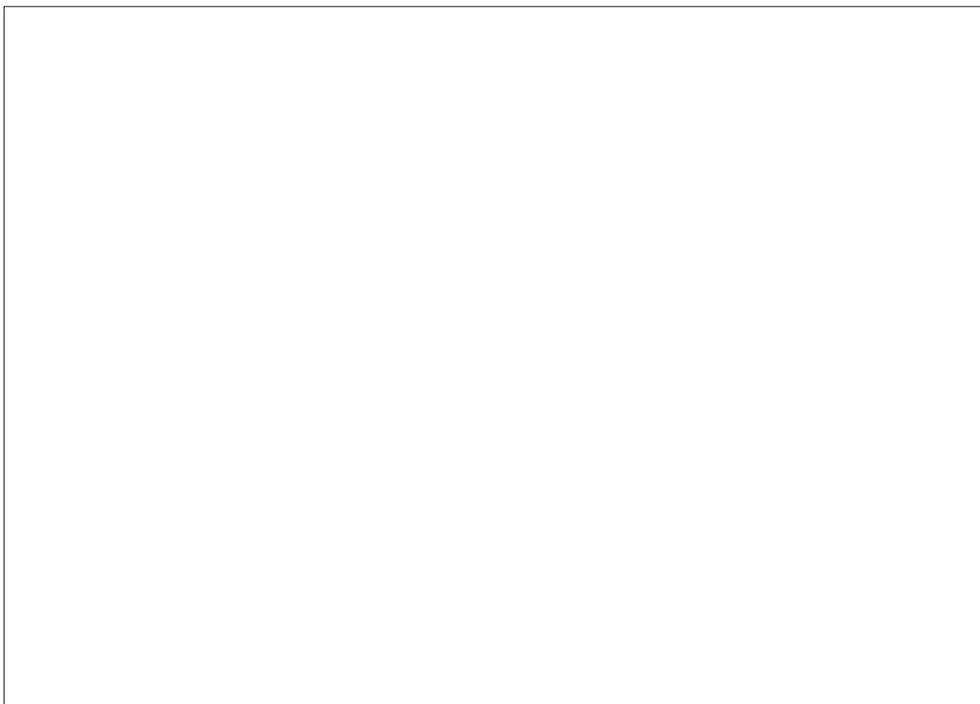
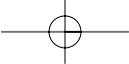


O MOÇO MENINO

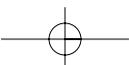
la o cavaleiro
mais a montaria
pelo nevoeiro
dessa serra
veio ter com ele
uma sombra clara
sobre a penedia
a luz cintilante
quase parecia
o sol ao poente
e era meio-dia.
la o cavaleiro
e viu-se perdido
no Pico d'El-Rei

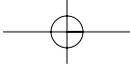


soltou um gemido.

Falou-lhe da sombra
com luz que tremia
uma voz menina
que reconhecia.

- «Foi há tantos anos
foi na outra terra
só, em desenganos
esta minha alma
por ti à espera.
Como, cavaleiro,
chegastes aqui?
Foi há tantos anos

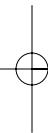
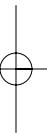
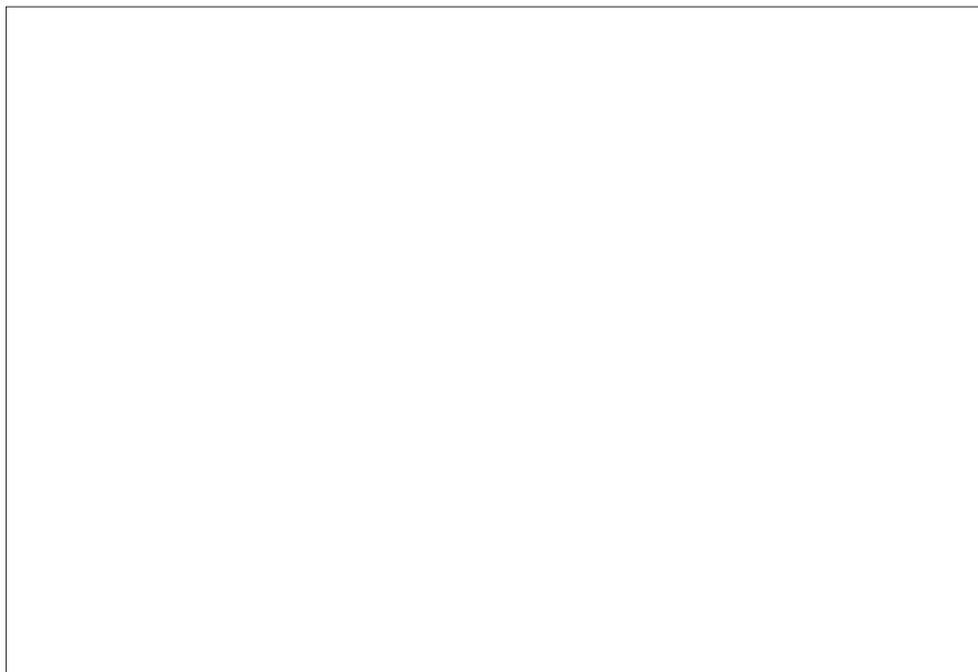




nunca mais te vi.

Fiquei no enleio
do luar que vês
com o dia a meio
o corpo montês
sou dum outro mundo
preso só a ti
fechado no fundo
desta gruta aqui.»

Entrámos na cova
dessa terra verde
um fio de corpo
para tentar



pois a sombra clara
deixou de brilhar:

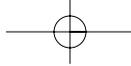
Ouvia uma voz
vinha duma fenda
e o som da água
aos poucos desvenda
um poço distante
com luz amarela
vai a cavalgar
bem firme na sela
pobre cavalinho,
tu sabes nadar?
Logo o cavalinho
o leva ao escuro
que lhe vai falar:

- «Tenho medo, dá-me
tuas mãos antigas.»

- «Agora te lembras?

Olha, cavaleiro,
quero que me digas
depressa primeiro
se sabes ainda
aquelas cantigas
que dançámos ambos
na pedra da eira
no farol à beira
do fogo de julho.»

- «Cala-te, fantasma,



não faças barulho.»

Abriu-se de luz
e era uma porta
que pronta lhe dava
sua vida morta.
Brilhava a lagoa
na febril cratera
olhava o menino
via bem quem era.

- «O que faço aqui
nesta alta serra
é porque perdi
lá na outra terra

